

## ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O DESENHO DA FIGURA HUMANA ENTRE 1996 E 2002

**Diana Villac Oliva (Autora)**  
**Paulo Francisco de Castro (Orientador)**

Endereço da Autora  
Rua Três, 111 - Res. Santa Isabel - Parque Vera Cruz - Tremembé - SP - CEP 12120-000  
e-mail: dianavoliva@juramentado.com.br

Endereço do Orientador  
Universidade de Taubaté – Departamento de Psicologia  
Av Tiradentes, 500 - Bom Conselho - Taubaté - SP - CEP 12030-180  
e-mail: castro.pf@uol.com.br

**Palavras-chave:** Produção Científica, Avaliação Psicológica, Desenho da Figura Humana.  
**Área do Conhecimento:** VII – Ciências Humanas

### RESUMO

O objetivo do presente estudo foi analisar a produção científica envolvendo o Desenho da Figura Humana (DFH) entre os anos 1996 e 2002. Este instrumento, por seu caráter projetivo e cognitivo, fácil aplicação e baixo custo, é amplamente utilizado pelos psicólogos nos mais diferentes contextos. Através da revisão da literatura, foi possível a unificação de dados, e conseqüente identificação das lacunas e áreas que carecem de produção. A amostra analisada consistiu de resumos indexados em cinco bases de dados. Foram encontrados 83 resumos, dos quais 92,8% foram empíricos e apenas 10,8% utilizaram tanto a análise projetiva como a cognitiva. O Brasil foi um dos países com maior número de publicações. Poucos estudos verificaram o DFH na avaliação de aspectos psicopatológicos, podendo esse ser um tema para pesquisas futuras. Estudos relacionados a aspectos orgânicos também foram escassos, o que era previsível, por exigir um conhecimento além do psicológico e/ou trabalhos multidisciplinares. Novas pesquisas abrangendo um período de tempo maior e outras bases de dados serão necessárias para construir um retrato mais completo do estado-da-arte do Desenho da Figura Humana na avaliação psicológica.

### 1. Introdução

Desde o final do século XIX, pressupõe-se que o desenho tem implicações psicológicas. No entanto, apenas em 1926, Florence Goodenough fez uma análise sistemática do Desenho da Figura Humana (DFH) identificando 51 itens na avaliação. O número de detalhes do desenho e sua precisão relacionam-se com o nível intelectual das crianças, avaliando-se, assim, seu desenvolvimento cognitivo ao determinar idade mental e quociente intelectual. As

normas para o Teste de Goodenough foram elaboradas para sujeitos de 3 a 15 anos e 11 meses de idade. Durante os 35 anos subseqüentes, o teste foi amplamente divulgado, passando por reedições mas, sem sofrer nenhuma alteração (Bandeira & Hutz, 2000; Cunha, 2000).

Posteriormente, em 1963, Harris revisou e expandiu o teste por pressupor mudanças de desenvolvimento, ficando, então, conhecido como *Goodenough-Harris Draw-a-Man Test*, havendo 73 itens na avaliação do desenho do homem e 71 no

desenho da mulher. Koppitz, em 1968, forneceu outra abordagem, na qual níveis de QI estariam correlacionados com 30 itens evolutivos identificados no teste, avaliando-se a maturidade mental. Pelo seu sistema, também era possível avaliar problemas de aprendizagem e distúrbios emocionais. Naglieri, na década de 80, atualizou o sistema Goodenough-Harris. No Brasil, exceto pela pioneira Van Kolck, na década de 60, com estudos relacionados a aspectos emocionais do desenho, pesquisas consistentes de normatização, padronização e validação do teste surgiram apenas na década de 90. Através do sistema de Koppitz, com indicadores evolutivos e emocionais, Hutz e Antoniazzi coletaram dados de 1.856 sujeitos de 5 a 15 anos, desenvolvendo normas para a avaliação no Rio Grande do Sul. Weschler, com base nos sistemas de Goodenough-Harris e Koppitz, padronizou o teste para a população brasileira quanto a aspectos de maturidade e de evolução de conceitos, elaborando um manual de aplicação e correção para sujeitos de 5 a 11 anos de idade (Bandeira & Hutz, 2000; Cunha, 2000).

Ainda dentro desta retrospectiva histórica (segundo Bandeira & Hutz, 2000), Karen Machover, em 1949, forneceu um caráter projetivo ao DFH (*Draw-a-Person – DAP*), como resultado da publicação de observações clínicas de crianças e adultos, a partir da imagem corporal como representante simbólico do próprio indivíduo - o sujeito projeta o conceito que tem de si mesmo em seu desenho. Com este trabalho, houve uma popularização do DFH como método de avaliação da personalidade. Diversos autores contribuíram para a utilização do teste como técnica projetiva, tais como Hammer, Jolles e Levy. Foi com base nos estudos de Machover e Hammer e em sua prática clínica que Koppitz desenvolveu uma escala de indicadores emocionais, através da qual é possível diferenciar crianças com e sem problemas emocionais.

Ao desenhar, o sujeito usualmente projeta uma combinação do conceito de si mesmo com seu ideal de ego e de corpo, atitudes com pessoas de seu ambiente, sentimentos ambivalentes, expressões emocionais, padrões de comportamentos,

atitudes relacionadas ao examinador e à situação de aplicação e atitudes para com a sociedade e vida de modo geral (Van Kolck, 1984).

Segundo Van Kolck (1984), em se tratando do DFH como medida do desenvolvimento cognitivo e da maturação do plano viso-motor, o “protótipo da técnica” é o Teste de Goodenough e, em se tratando do DFH como teste projetivo, o Teste de Machover é a prova melhor desenvolvida e amplamente empregada.

A mesma autora cita trabalhos de validação do Desenho da Figura Humana quanto ao ajustamento ou integração da personalidade, obtendo em alguns casos resultados discordantes. Ela nega que o DFH não seja um instrumento possuidor de validade e justifica levantando o problema metodológico existente para a validação das técnicas projetivas, especialmente das gráficas. Levy (1991) compartilha da mesma opinião de Van Kolck quanto à insuficiência da validação experimental dos desenhos projetivos, acrescentando que o mesmo se aplica a qualquer outra técnica das ciências naturais ou sociais. Embora existam essas limitações, Levy considera o DFH projetivo um rico instrumento de informação e compreensão da personalidade.

Pesquisas de reteste concluem, segundo mostra Van Kolck, que há constância na produção gráfica do sujeito e que ela é representativa do mesmo, parecendo “*lícito afirmar que o DFH na técnica de Machover sofre restrições iguais as que se aplicam a outros procedimentos de avaliação da personalidade, o que não o invalida como tal*” (Van Kolck, 1984, p. 19).

Bandeira e Hutz (2000) afirmam que a literatura disponível pode ser geradora de insegurança na hora da avaliação do DFH por haver obras ausentes de definições claras e exemplos e outras que passam a idéia da análise baseada na experiência pessoal, em vez de em dados resultantes de pesquisas. Isto não desmerece o DFH como técnica projetiva e como medida do desenvolvimento intelectual. O mais adequado, anteriormente à aplicação, é que haja um estudo dos diferentes manuais de aplicação e correção e das pesquisas na área, além da supervisão/orientação com um par mais experiente e um cuidado extra com

aspectos pessoais do interpretador para que o teste possa avaliar corretamente o examinando.

Por seu caráter cognitivo e projetivo, fácil aplicação e baixo custo, o DFH é hoje um dos testes de maior utilização pelos psicólogos nos mais diferentes contextos (Bandeira & Hutz, 2000; Van Kolck, 1984).

A revisão de literatura é sempre oportuna e possibilita uma rica análise do material publicado, apoiando o desenvolvimento de investigações científicas na área. Witter (1997, 1999), apresentou ampla discussão e reflexão sobre a metodologia empregada para pesquisas envolvendo produção científica, bem como expôs vários exemplos de pesquisas sobre o tema. Ampliando as possibilidades de investigações que envolvessem produção científica nos mais diferentes contextos e com as mais diferentes estratégias.

Revisar a produção científica do DFH, assim como de outras técnicas ou temas, traz inúmeros ganhos à psicologia como ciência, pois é possível: “visualizar o seu quadro de produção, detectar o seu estado da arte, alertá-la quanto ao grau de réplica de pesquisa e propiciar/originar novas estratégias a serem priorizadas como ciência” (Moura, 1997, p 11). Assim, através da revisão da literatura, é possível integrar o corpo de conhecimentos da ciência, unificando dados e o próprio conhecimento, evidenciando os avanços atingidos e identificar as lacunas e áreas que carecem de produção (Domingos, 1999; Oliveira, 1999; Santos, 1997).

Os periódicos científicos constituem forma de divulgação eficiente e de fácil acesso às novidades no campo das ciências. A análise dos resumos dos artigos publicados em periódicos é uma das formas de avaliação da produção científica e, no caso da presente pesquisa, da produção em avaliação psicológica (Domingos, 1999; Oliveira, 1999).

O Manual de Publicações da *American Psychological Association* – APA (1994, citado por Domingo, 1999) afirma que um resumo (*abstract*) adequado é aquele que contém definição do problema, método, resultados e conclusão, sendo, portanto, “importante veículo de acesso ao conteúdo

dos trabalhos científicos” (Domingos, 1999, p. 50) e “uma síntese breve mas completa do conteúdo de um artigo” (APA, 1994, p. 8, citado por Domingos, 1999, p. 51).

Desta forma, tendo como objetivo do presente estudo analisar a produção científica envolvendo o DFH entre os anos 2000 e 2002 e como os periódicos científicos são o meio mais rápido de divulgação do conhecimento e os resumos, se bem escritos, sintetizam este conhecimento, a amostra analisada consistiu de resumos indexados em bases de dados de cunho científicos.

## 2. Método

Foram pesquisados resumos em cinco bases de dados nos meses de abril e maio de 2003: *PsycINFO* (*Psychological Abstracts Information Services*, base de dados da *American Psychological Association - APA*), *Medline* (*Medlars Online*, Literatura Internacional), *Lilacs* (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), *Ovid* e *ScienceDirect* (*Science Direct Online*)<sup>1</sup>. Foram utilizadas as palavras-chaves: Desenho da Figura Humana; DFH; Human Figure Drawing; HFD; Draw-a-Person; DAP; Draw-a-Man Test; Goodenough e Machover.

As informações obtidas foram tabuladas da seguinte forma: título do trabalho em inglês, título do trabalho no idioma original, nome dos autores, ano de publicação, referência bibliográfica do periódico de publicação, base de dados em que o resumo foi encontrado, país de origem dos autores, tipo de estudo (teórico ou empírico), tipo de avaliação (cognitivo ou projetivo), sujeitos (idade, sexo), aspectos de investigação e conclusão do trabalho.

No item “aspectos de investigação”, para objetivar a pesquisa, foram criados dois grupos e cada um deles foi sintetizado em quatro categorias. O primeiro grupo é de

<sup>1</sup> A consulta à *PsycINFO* foi realizada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. As consultas à *Medline* e *Lilacs* foram realizadas online via Bireme, no endereço eletrônico [www.bireme.br](http://www.bireme.br). As consultas à *Ovid* e *ScienceDirect* foram realizadas online via Capes, no endereço eletrônico [www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br).

trabalhos cuja ênfase foi dada ao próprio DFH, ou seja, trabalhos que tinham como objetivo, a investigação dos vários aspectos relacionados ao próprio instrumento ou cujo aspecto central se relacionasse diretamente às questões técnicas ou de investigação direta do DFH. O segundo grupo é de trabalhos cuja ênfase foi dada a outro instrumento/assunto, tendo o(s) pesquisador(es) utilizado o DFH como instrumento de coleta de dados, quer dizer, trabalhos que tinham vários objetivos, relacionados às questões psicológicas dos sujeitos e, para essa investigação, optaram por utilizar o DFH como instrumento de coleta de dados.

As quatro categorias criadas são as mesmas para os dois grupos. A primeira é “Avaliação de aspectos psicopatológicos”, investigação de sintomas ou quadros de patologias relacionadas às questões psicológicas, como depressão, pânico, esquizofrenia, etc. A segunda categoria é de “Aspectos orgânicos”, englobando estudos de quadros psicossomáticos, como por exemplo, gastrite ou stress, ou associados a questões

psicológicas de quadros orgânicos, como cardiopatias, doenças respiratórias, entre outras. A terceira categoria é de “Avaliação geral da personalidade/cognição”, que envolvia estudos descritivos de aspectos da personalidade ou de cognição em diferentes contextos, como estudos de familiares de militares, comparação dos resultados entre culturas e gêneros. A quarta categoria é de “Aspectos técnicos”, estudos que tinham como objetivo geral a investigação de aspectos relacionados diretamente ao instrumento, como aplicação, correção, interpretação.

### 3. Resultados

Foram encontrados e analisados 83 resumos, sendo quase a totalidade, 88% (N=73), provenientes de artigos publicados em periódicos científicos. Do restante, 7,2% (N=6) eram resumos de dissertação, 3,6% (N=3) eram resumos de capítulos de livros e apenas 1,2% (n=1) foi proveniente de resumo de tese.

**Tabela 1. Distribuição dos artigos por ano e por base de dados**

Base de dados	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total	Porcentagem
PsycINFO	12	9	3	4	13	4	4	49	59,0%
Medline		1	2		2	4	5	14	16,9%
Lilacs		2		1	2		1	6	7,2%
Ovid		1		1		1		3	3,6%
ScienceDirect	1						2	3	3,6%
Medline e Ovid					1		1	2	2,4%
ScienceDirect e Ovid			1			1	1	3	3,6%
PsycINFO e Ovid					1			1	1,2%
PsycINFO e ScienceDirect			1					1	1,2%
PsycINFO, ScienceDirect e Ovid	1							1	1,2%
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>19</b>	<b>10</b>	<b>14</b>	<b>83</b>	<b>100,0%</b>
<b>Porcentagem</b>	<b>16,9%</b>	<b>15,7%</b>	<b>8,4%</b>	<b>7,2%</b>	<b>22,9%</b>	<b>12,0%</b>	<b>16,9%</b>	<b>100%</b>	

Conforme dados da Tabela 1, dos 83 resumos, 16,9% (N=14) foram publicados no ano 1996, 15,7% (N=13) no ano 1997, 8,4% (N=7) no ano 1998, 7,2% (N=6) em 1999, 22,9% (N=19) em 2000, 12% (N=10) em 2001 e 16,9% (N=14) em 2002. 59% do material foi localizado exclusivamente na base de dados *PsycINFO* e 16,9% na

*Medline*. O restante estava distribuído entre *Lilacs*, *Ovid* e *ScienceDirect* ou estava indexado em mais de uma base de dados ao mesmo tempo.

Com exceção de seis estudos teóricos, todos os demais foram empíricos (92,8%) com, por exemplo, delineamentos do tipo

estudo de caso, estudo de campo e estudo de corte.

**Tabela 2. Caracterização do DFH nos artigos**

Tipo de Avaliação	Total	Porcentagem
Desenvolvimento Cognitivo	23	27,7%
Projetivo	47	56,6%
Projetivo e Cognitivo	9	10,8%
Não especificado	4	4,8%
<b>Total</b>	<b>83</b>	<b>100,0%</b>

A partir da Tabela 2, constata-se que quanto ao tipo de avaliação, 56,6% das pesquisas utilizaram o DFH como técnica projetiva, 27,7% como medida do desenvolvimento cognitivo e 10,8% utilizaram ambas as técnicas. Quatro trabalhos não especificaram o tipo de avaliação.

**Tabela 3. Aspectos de investigação dos artigos pesquisados**

Aspectos de Investigação	Total	Porcentagem
<b>1) Ênfase no DFH</b>	<b>48</b>	<b>57,8%</b>
1.1 Avaliação de aspectos psicopatológicos	8	9,6%
1.2 Aspectos orgânicos	4	4,8%
1.3 Avaliação geral da personalidade/cognição	20	24,1%
1.4 Aspectos técnicos	16	19,3%
<b>2) Ênfase em outro assunto/instrumento</b>	<b>35</b>	<b>42,2%</b>
2.1 Avaliação de aspectos psicopatológicos	4	4,8%
2.2 Aspectos orgânicos	8	9,6%
2.3 Avaliação geral da personalidade/cognição	18	21,7%
2.4 Aspectos técnicos	5	6,0%
<b>Total</b>	<b>83</b>	<b>100,0%</b>

Os dados expostos na Tabela 3 demonstram que não houve discrepância nos

aspectos de investigação em relação aos dois grandes grupos criados. 48 trabalhos deram ênfase ao DFH e 35 deram ênfase a outro instrumento/assunto. Oito pesquisas compuseram a categoria “Avaliação de aspectos psicopatológicos” no grupo “Ênfase no DFH”, buscando avaliar características da psicopatologia através do uso do teste. Quatro estudos foram relacionados a “Aspectos Orgânicos”. 20 estudos buscaram a “Avaliação geral da personalidade/cognição” através do uso do Desenho da Figura Humana e 16 pesquisas deste mesmo grupo (Ênfase no DFH) compuseram a categoria “Aspectos técnicos”, desenvolvendo estudos de normatização, padronização e validação do teste.

**Tabela 4. Descrição dos sujeitos que compuseram as pesquisas**

Sujeitos	Total	Porcentagem
Criança	32	38,6%
Adolescente	7	8,4%
Adulto	16	19,3%
Idoso	3	3,6%
Criança/Adolescente	6	7,2%
Criança/Adulto	3	3,6%
Adulto/Idoso	3	3,6%
Não especifica	6	7,2%
Não utiliza sujeitos	7	8,4%
<b>Total</b>	<b>83</b>	<b>100,0%</b>

Em relação aos sujeitos, a partir dos dados da Tabela 4, dos sujeitos utilizados nas pesquisas, 38,6% eram unicamente crianças, 19,3% eram adultos, 8,4% adolescentes e apenas 3,6% idosos. Outras pesquisas utilizaram mais de uma faixa etária como sujeitos de pesquisa.

**Tabela 5. País de origem dos autores dos artigos**

País	Total	Porcentagem
1. África do Sul	1	1,2%
2. Alemanha	1	1,2%
3. Austrália	2	2,4%
4. Brasil	7	8,4%
5. Canadá	1	1,2%
6. Caribe	1	1,2%
7. Chile	1	1,2%
8. Coréia do Sul	1	1,2%
9. Croácia	1	1,2%
10. Eslovênia	2	2,4%
11. EUA	29	34,9%
12. França	2	2,4%
13. Grécia	1	1,2%
14. Honduras	1	1,2%
15. Índia	2	2,4%
16. Inglaterra	1	1,2%
17. Irlanda	1	1,2%
18. Irlanda do Norte	1	1,2%
19. Israel	4	4,8%
20. Itália	7	8,4%
21. México	2	2,4%
22. República Tcheca	1	1,2%
23. Portugal	1	1,2%
24. Suécia	3	3,6%
25. Taiwan	1	1,2%
26. Turquia	1	1,2%
Não continha	7	8,4%
<b>Total</b>	<b>83</b>	<b>100,0%</b>

Conforme dados da tabela 5, observa-se que apenas cinco países publicaram mais de dois trabalhos envolvendo o DFH no período pesquisado. Os EUA publicaram 29 trabalhos, a Itália e o Brasil sete, Israel quatro e a Suécia três. Outros 21 países tiveram publicação sobre este assunto duas vezes apenas. Três dos quatro trabalhos publicados pelo Brasil estavam indexados na *PsycINFO* e quatro na *Lilacs*.

A análise da conclusão dos trabalhos será realizada em estudo posterior.

#### 4. Considerações Finais

Constatou-se que não há constância na produção científica em avaliação psicológica envolvendo o teste Desenho da Figura Humana (como mostram os anos 1999, 2000 e 2001 com seis, 19 e 10 publicações, respectivamente). Considerando que as bases de dados consultadas são

internacionais, também é possível constatar que o DFH não é um instrumento altamente pesquisado, pois a média de 11,8 artigos por ano é baixa, considerando todas as Instituições de Psicologia do mundo e áreas afins capazes de desenvolver pesquisas envolvendo este instrumento.

A base de dados da APA, *PsycINFO*, tendo sido responsável por mais da metade da produção analisada, mostra a importância da consulta a seus arquivos, não devendo, no entanto, o pesquisador restringir sua pesquisa a ela, se deseja coletar um número maior de resumos. A consulta a outras bases de dados é de extrema importância quando da avaliação da produção científica.

Praticamente não houve estudos teóricos relacionados ao DFH. Isto pode ser resultado de uma confiança dos pesquisadores na fundamentação teórica do teste, o que, de fato, pôde ser comprovado segundo os autores mencionados na introdução. A partir do momento que um teste foi bem fundamentado, o passo seguinte é a verificação da aplicabilidade do material teórico. Portanto, esta tendência está dentro do esperado.

Poucos estudos procuraram verificar o uso do DFH como instrumento de avaliação de aspectos psicopatológicos, sendo esta uma possível área para pesquisas futuras. Também houve poucos estudos relacionados a aspectos orgânicos, o que era previsível. É necessário que o pesquisador tenha um bom conhecimento da condição médica do paciente e da disfunção/doença da qual ele é portador, o que exige um conhecimento além do psicológico para que uma adequada avaliação possa ser realizada e/ou trabalhos multidisciplinares. Esta exigência pode acabar afastando pesquisadores desta área de avaliação, sendo ela, no entanto, outra possível área para pesquisas. Houve um número próximo de estudos sobre a técnica, envolvendo normatização, padronização e validação do DFH e de estudos investigando a avaliação geral da personalidade/cognição.

O DFH é um teste completo por poder avaliar através do mesmo desenho o desenvolvimento cognitivo e aspectos da personalidade do sujeito, mas poucas pesquisas utilizaram ambas as técnicas, sendo com maior frequência pesquisada a técnica projetiva. Novas pesquisas poderiam

beneficiar-se da possibilidade dessas duas diferentes avaliações.

O Brasil empatou com a Itália, em segundo lugar, como o país com maior número de publicações envolvendo o DFH na amostra e período pesquisados. Embora a base de dados Lilacs seja Latino-Americana, não se deve desmerecer a colocação do Brasil, pois, na base de dados da APA estão indexados resumos do mundo inteiro e havia três trabalhos brasileiros indexados nessa, enquanto outros países publicaram dois, um ou nenhum trabalho. É possível, portanto, considerar o Brasil como um dos cinco países com maior número de pesquisas envolvendo o DFH no mundo.

Desta forma, a análise da produção científica envolvendo o DFH, sugeriu áreas cujas pesquisas futuras poderiam centrar-se para que este instrumento tenha cada vez maior aplicabilidade e, conseqüentemente, maior uso pelos psicólogos. Novos estudos abrangendo um período de tempo maior e outras bases de dados serão necessários para construir um retrato mais completo do estado da arte do Desenho da Figura Humana na avaliação psicológica.

### Referências Bibliográficas

- Bandeira, D.R. & Hutz, C.S. (2000). Desenho da figura humana. In J.A. Cunha e cols., Psicodiagnóstico V. (5a. ed.) (pp. 507-512). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Cunha, J.A (2000). Catálogo de técnicas úteis. In J.A. Cunha e cols., Psicodiagnóstico V. (5a. ed.) (pp. 202-292). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Domingos, N.A.M. (1999). Análise da estrutura dos resumos de dissertações e teses em psicologia. In G.P. Witter (org.). Produção científica em psicologia e educação (pp. 47-78). Campinas: Alínea.
- Levy, S. (1991). Desenho projetivo da figura humana. In E.F. Hammer. Aplicações clínicas dos desenhos projetivos (pp. 61-85). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moura, E. (1997). ITA: Avaliação da produção científica (1991-1995). In G.P. Witter (org.). Produção científica (pp. 9-24). Campinas: Átomo.

- Oliveira, M.H.M.S. (1999). Avaliação da produção científica. In G.P. Witter (org.), Produção científica em psicologia e educação (pp. 9-22). Campinas: Alínea.
- Santos, M.C.L. (1997). Produção científica: análise do periódico Química Nova (1991-1995). In G.P. Witter (org.), Produção científica (pp. 65-76). Campinas: Átomo.
- Van Kolck, O.L. (1984). Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico. São Paulo: EPU.
- Witter, G.P. (org.). (1997). Produção Científica. Campinas: Editora Átomo.
- Witter, G.P. (org.). (1999). Produção Científica em psicologia e educação. Campinas: Alínea.